

CORPO, SOCIEDADE E FORMAÇÃO HUMANA

CUERPO, SOCIEDAD Y FORMACIÓN HUMANA

BODY, SOCIETY AND HUMAN FORMATION



Evanize Kelli Siviero ROMARCO
Universidade Federal de Viçosa
e-mail: eva.siviero@gmail.com



Neil FRANCO
Universidade Federal de Juiz de Fora
e-mail: neilfranco010@hotmail.com

| 1



Como referenciar este artigo

ROMARCO, E. K. S.; FRANCO, N. Corpo, Sociedade e Formação Humana. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 11, n. esp. 2, e021024, 2021. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v11iesp.2.13729>

Submetido em: 28/05/2021

Revisões requeridas em: 30/07/2021

Aprovado em: 15/11/2021

Publicado em: 30/11/2021

O corpo não pertence a um domínio abstrato da nossa vida; ele permanece o centro inelutável da nossa existência e da nossa experiência mais imediata do tempo e do espaço (BAVCAR, 2003, p. 183).

Evgen Bavcar, iconógrafo cego – como prefere se identificar –, ao relatar sobre seu trabalho de captar imagens utilizando-se da máquina fotográfica se percebe como tal por entender que as imagens por ele captadas são primeiramente antecipadas em sua cabeça, portanto, um “ato mental”. Junto a essa atuação, o autor reflete sobre os desafios que lhe foram apresentados ao se tornar deficiente visual aos 11 anos de idade em uma de suas vivências na Eslovênia, Europa Central. Mediante essas experiências, Bavcar interessantemente nos fala do corpo como a marca indiscutível de nossa existência/presença no tempo e no espaço, distanciando-nos de uma perspectiva de entendê-lo e concebê-lo como pertencente a um campo abstrato da vida humana.

A proposta que motivou a criação deste dossiê muito se aproxima dessa percepção de corpo anunciada por Bavcar ao reunir estudos que demarcam variedades de experiências que envolvem as relações entre corpo, sociedade e formação humana, despertadas pelas vivências de professores e professoras ao participarem do curso de extensão *Corpo, Formação Humana e Sociedade*, no segundo semestre de 2020. Naquele momento, os impactos gerados pela pandemia de COVID-19 tentavam situar nossos corpos num “domínio abstrato” de nossas existências. Com isso, e como único caminho, o meio remoto nos possibilitou o encontro de vários corpos, experiências e vivências que resultaram no que apresentamos aqui: uma ciranda virtual de possibilidades.

Antes de iniciarmos a ciranda, fomos convidados a brincar. Meire Lôde-Nunes e Jaqueline Nunes, de mãos dadas, abrem os braços chamando-nos a integrar a roda. Assim, iniciam esta “brincadeira teórica” verificando no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) se a relação entre corpo e formação humana se encontra presente no contexto da sociedade contemporânea como tema investigativo na produção do conhecimento atual.

A formação humana representa, como nos contam Cristina Leite e Vivian Silva, uma “ciranda” de experiências educacionais que valorizam e reconhecem “diferentes saberes” inspirados no processo de formação docente desencadeado por “rodas e brincadeiras”. As autoras ressaltam o aprender e o ensinar como processos essencialmente significativos que se potencializam quando motivados pela presença, pelo encontro, pelo toque das mãos e pelo “olho no olho”, entretanto, em razão do contexto que nos afeta devido à crise sanitária atual, a roda tem girado de outra forma, virtualmente. Melhor ou pior? Remediável, talvez, uma vez

que a expectativa do toque, do encontro, do unir as mãos e cantar não cessa, está remediável.

Num desses encontros para “brincarmos”, Evanize Siviero e Ivana Bittencourt conduziram o “jogo” em que o uso da imagem associado ao movimento corporal inspirou possibilidades de expressão do “processo de Aprender e Ensinar”. Como ver e pensar uma mesma imagem ou movimento corporal numa atividade coletiva? A “*Rotina de pensamento zoom*” foi eixo norteador das atividades propostas, descritas e analisadas no estudo que integra este dossiê. Adiantamos que, segundo as autoras, “o olhar para aprender é processual”, nisso, formulamos e transmitimos conhecimentos a partir de nossas lembranças, “nos transformando em outros ‘eus’”.

Olhares que, ao perpassarem pelas imagens e ao se entrecruzarem nas cirandas, chegam transformados na obra das autoras Meire Lôde-Nunes, Talise Schneider, Thais Souza e Vanessa Lima. Convidam-nos a observar de forma diferente, agora, para além dos muros sociais e históricos, para um estudo de ordem iconográfica, uma análise da imagem do Crucifixo de Padova pintado por Giotto di Bondone (1266-1337), do corpo humanizado de Cristo, apresentando como indício à mudança de mentalidade, acerca dos conceitos de homem e mundo que se consolidam no Renascimento Italiano. Mudanças no olhar e no modo de compreender a imagem, o corpo, gerando o movimento e a possibilidade de reconstrução e transformações de valores e conceitos ao longo da história nos são instigadas pelas autoras.

| 3

O jogo das imagens é também a proposta de Alexandre Loro ao analisar a representação do docente no Manual do Professor de Educação Física, artefato pedagógico produzido pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2019). Imagens da atuação do professor de Educação Física escolar em oito manuais de quatro editoras foram investigadas. Ademais da pouca visibilidade do professor nesses materiais na perspectiva iconográfica, onde aparecem, sinalizam para a representação de profissionais participativos durante as aulas, o que, segundo o autor, levanta indícios de um processo de mudança, rompendo com a reprodução de estereótipos autoritários e excludentes que envolvem a atuação desses profissionais ao longo da história.

Assim vão se erguendo, em outros signos, novas formas de se olhar, de se mover, de se tocar, para nos mantermos conectados nesta ciranda. Marcia Almeida, em seu artigo, nos leva para a performance-dançada, em que o conhecimento da dança é construído através do/pelo corpo sensível, que inclui ideias, conhecimentos, pensamentos, ossos, linfa, nervos, carne, gordura, pele e tudo o que tradicionalmente sabemos que o constitui, bem como desejos, amores, sensibilidade, sonhos. Marcia enfatiza que, quando dançamos, percebemos cada movimento, não só do corpo, mas também de tudo ao nosso redor a qual denomina de

“inteligência corporal”, que estabelece uma ligação entre o bailarino e o ambiente, incluindo o público, o “corpo com-tato de danse”.

Pensando nesse dançar pulsante, que se conecta com a vida de quem dança e de quem a aprecia, vimos pelos depoimentos dos próprios participantes, que se envolveram na proposta de unir ginástica, atividades de lazer e arte, dos autores Neil Franco, Fernando Crescencio, Bianca de Oliveira e Gustavo Branquinho, que conseguiram deixar a timidez para trás, e pelas criações de coreografias, deram espaço a diversão e ao prazer. Este artigo vem nos trazer a percepção sensível de que a prática da ginástica vai além das proposições da aptidão física e do alto rendimento definidas pelas dimensões históricas, sociais e culturais da Educação Física, evidenciando que a perspectiva da inclusão e do respeito às diferenças, dialogadas à manifestação da cultura corporal, no espaço de formação docente, almeja a qualidade de vida de quem a pratica e engrandecem os estudos de quem a pesquisa.

Por esta mesma linha, sobre a formação docente, é que a ciranda continuou a girar e a focalizar na pouca preparação prática e contato direto com pessoas com deficiência e/ou qualquer outra Necessidade Educacional Especial (NEE) dos estudantes em formação inicial em Educação Física. Como Patrícia Oliveira, Jacqueline Nunes, Josiane Freitas, Patrícia Rossi-Andrion trouxeram em seu estudo, o quanto se é importante acompanhar e vivenciar de perto o trabalho realizado com as pessoas com deficiência. Apresentam-nos meios para que isso possa acontecer como os estágios supervisionados, tanto em escolas de ensino regular que atendem o público da Educação Especial, como em escolas de Ensino Especial. Fica claro que este tipo de experiência deva acontecer para que haja mudanças significativas de discurso sobre inclusão, buscando a equidade durante as aulas; perspectivas para a diminuição do pré-conceito, deixando a deficiência de lado e enfatizando a funcionalidade para ir ao encontro das necessidades de cada aluno no ambiente inclusivo; e o desenvolvimento de relacionamentos e comunicação adequados tanto ao trabalhar com o público em questão, como com profissionais de outras áreas, com foco na interdisciplinaridade, sempre de forma colaborativa e extensiva.

Tudo que se inicia, se encerra! Entretanto, o encerrar geralmente é provisório, abrindo novas possibilidades, encontros e aprendizados; fato evidenciado na produção deste dossiê, que é fruto das reflexões despertadas a partir da participação das autoras e dos autores no projeto de extensão Corpo, Formação Humana e Sociedade ao assumirem o desafio de propor, em formato remoto, suas experiências presenciais na atuação docente, estabelecendo vínculos entre o ensino, a pesquisa, a extensão, a formação continuada, e tantas outras expressões da formação humana.

Deste modo, pensando numa provisoriamente do fim, fechamos nossa apresentação

resgatando as rodas, as cirandas e as brincadeiras propostas por Cristina Leite em seu livro que tematiza sobre as *Rodas de Brincar*, resenhado por Vívian Silva, que reafirma o corpo como “o centro inelutável da nossa existência” (BAVCAR, 2003, p. 183).

Neste movimento, como nos diz Vívian ao parafrasear Cristina, as experiências lúdico-corporais fazem emergir as vivências humanas marcadas por “histórias, memórias, afetos, apegos, certezas, dúvidas, desejos e, por vezes, muitas opressões e impedimentos”, levando-nos a compreender que o “sentir” é a matriz de reificação da existência e do diálogo que nos situa no mundo. Talvez, uma possibilidade de apreensão de uma “visão tridimensional” ou “visão aberta” mencionada por Bavcar (2003) pela qual ele percebe e interage com o mundo ao seu redor pela via de outros domínios de seu corpo, uma vez que acometido pelo “problema do olhar ferido”.

Por fim, mas não finalizada, nossa perspectiva é de que a roda esteja sempre aberta a novas expressões que nos corporifiquem tridimensionalmente, nos apresente versos, cores, cantigas, saberes e presenças inéditas, mas, provisórias, pois, como nos conta Vívian, “abrir a roda e brincar é um grito de re-existência.”

| 5

REFERÊNCIA

BAVCAR, E. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, A. (org.). **O Homem máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Sobre os autores

Evanize Kelli Siviero ROMARCO

Editora.

Neil FRANCO

Editor.

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.
Correção, formatação, normalização e tradução.

